

Recuperação foi maior para os pobres

RENDA

Dados da Pnad mostram que a renda média foi de R\$ 888 em 2006

RIO DE JANEIRO



A renda do trabalhador cresceu pelo segundo ano seguido, mas, para a média do país, ainda não foi possível recuperar o poder de compra de 1996, época em que o país ainda vivia o auge dos efeitos do Plano Real. As perdas de 2006 em relação a 1996 foram de 8,9%. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) mostram que a renda média do trabalho avançou 7,2% no ano passado, o maior ritmo de expansão desde 1995. O valor da renda média do país no ano passado chegou a R\$ 888, patamar idêntico ao de 1999.

Na prática, os 50% mais pobres foram mais beneficiados e recuperaram o poder de compra de 1996. O valor do rendimento médio dessa parcela da população, no entanto, era de R\$ 293, abaixo do salário mínimo do ano passado, de R\$ 350. Em 2006, o rendimento médio cresceu 8,52%. Já os 50% mais ricos da população, com renda média de R\$ 1.482, ainda não voltaram ao patamar de 2001, quando ganhavam em média R\$ 1.495.

"O Brasil viveu uma fase de estagnação trabalhista, em

todos os sentidos, de renda e emprego, que começa a ser superada. A queda da renda expôs a pior face dessa crise. Quando se olha o retrato do Brasil, a figura ainda é muito ruim, mas quando se observa a trajetória, verifica-se que houve avanço", afirma Marcelo Neri, economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

No governo Lula, a renda cresceu a um ritmo de 1,1% ao ano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o reajuste de 13,3% do salário mínimo no ano passado foi determinante para o crescimento da renda. Outro fator citado por especialistas foi a manutenção dos preços sob controle. Em 2006, a inflação encerrou o ano com alta de 3,14%.

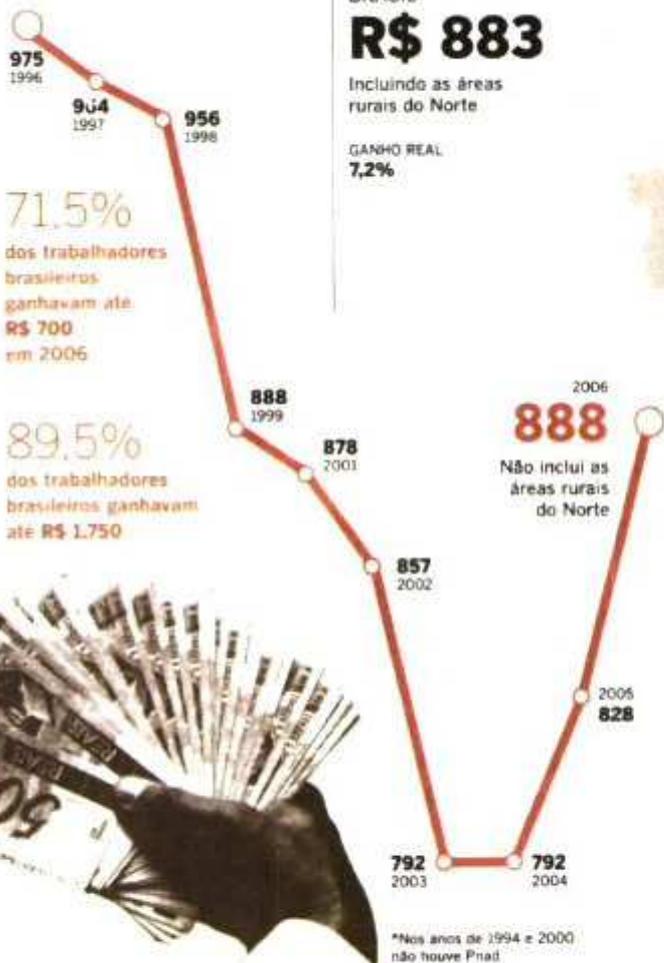
Segundo João Saboia, diretor do Instituto de Economia da UFRJ, o salário mínimo tem colaborado para reduzir a desigualdade porque afeta tanto o rendimento dos trabalhadores como o piso das aposentadorias. "O crescimento de 7,2% da renda não é excepcional, mas foi bom para o padrão brasileiro. Com o aumento da formalização, o rendimento tende a crescer. Quem tem carteira de trabalho assinada ganha mais. Ao mesmo tempo é frustrante pensar que você precisa levar mais de uma década para voltar ao que era no Real", disse.



SALÁRIO MAIOR

Rendimento médio mensal dos trabalhadores*

EM REAIS



Renda média mensal por região

Variação em 2006 ante 2005

BRASIL

R\$ 883

Incluindo as áreas rurais do Norte

GANHO REAL 7,2%

NORTE
R\$ 707
GANHO REAL 7,1%

CENTRO-OESTE
R\$ 1.006
GANHO REAL 4,9%

NORDESTE
R\$ 565
GANHO REAL 12,1%

SUDESTE
R\$ 1.027
GANHO REAL 6,6%

SUL
R\$ 978
GANHO REAL 5,5%

Distribuição dos trabalhadores por classe de rendimento**

Sem rendimento	10,8%
Até 1 salário mínimo	30,9%
Mais de 1 a 2	29,5%
Mais de 2 a 3	10,6%
Mais de 3 a 5	7,4%
Mais de 5 a 10	6,3%
Mais de 10 a 20	2,2%
Mais de 20	0,8%

**Pessoas com mais de 10 anos de idade

FONTE: IBGE

INFOGRAFICO: GISELE OLIVEIRA/RE

A média dos trabalhadores do País ainda não conseguiu voltar à renda de 1996

DESIGUALDADE

Apesar da expansão mais forte da renda, o IBGE avalia que o ritmo de queda da desigualdade ainda é "suave". Em

2005, a renda havia aumentado em 4,6%. O índice de Gini do trabalho passou de 0,544 em 2005 para 0,541 no ano passado. O índice varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 1, maior a

desigualdade. Desde 1993, não cresce a desigualdade no país. "Em que pese, ano após ano, os indicadores de distribuição de renda se mostrarem favoráveis, a velocidade é muito pequena frente à desigualdade no país", afirmou o presidente do IBGE, Eduardo Nunes.

A análise da concentração dos rendimentos mostra que os 10% mais pobres detinham 1% do total dos rendimentos no ano passado. Já os 10% mais ricos concentravam 44,4% do total de remunerações. Desde o ano de 2004, esse patamar sofreu poucas alterações. À época, os mais ricos representavam 44,7% da renda.

De acordo com a pesquisa, os 10% mais ricos da população recebiam um rendimento médio mensal de R\$ 3.947 no ano passado. Na avaliação de especialistas, no entanto, a queda da desigualdade tem sido expressiva. "É uma queda forte que reflete o impacto do salário mínimo e de políticas sociais, como o Bolsa Família", afirma Sonia Rocha, pesquisadora do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets). "O país tinha antes uma desigualdade inercial, que praticamente não mudava, um cenário que começou a mudar nos últimos anos. Pequenas alterações nesses números podem significar grandes mudanças nos estratos sociais", afirmou Neri.

A renda média de todas as fontes, que inclui trabalho, aposentadorias e programas sociais, cresceu a um ritmo menor do que a do trabalho.